

ARTE

WILLYS E BARSOTTI

A exposição de Willys de Castro e Hércules Barsotti, que se realizou em março na Petite Galerie, teve vários aspectos positivos — e o primeiro deles, o mais evidente, é que se tratava de uma exposição "bonita". Sim, era agradável ver aqueles quadros e objetos, realizados com precisão e finura, arrumados de maneira harmônica e simples.

Outro aspecto positivo: o fato de que os dois artistas se mantêm fiéis a uma linguagem rigorosa, limpa, construtiva, muito embora não sejam esses os valores em voga. Tudo isso é positivo para os expositores, para a Galeria, e serve como indício de que parecemos entrar numa etapa nova em que as personalidades se afirmam, não pelo oportunismo, mas pela fidelidade a si mesmas e aos valores que elegeram.

De fato, a experiência nascida com a arte concreta não se esgotou. A reformulação feita pelo grupo neoconcreto (de que fazem parte Willys e Barsotti) demonstrou isso e — mais que a reformulação teórica — as obras mesmas. Por outro lado, cumpre assinalar que o movimento neoconcreto atingiu o seu objetivo: não se manter como uma ortodoxia, mas abrir portas à invenção e devolver aos artistas ligados à tendência construtiva a liberdade que uma teoria restritiva ameaçava tirar-lhes.

Não sei se se encontravam "obras-primas" nessa exposição da PG. Talvez não. Mas que importa isso? Willys e Barsotti mantêm vivo — cada qual a seu modo — o espírito de pesquisa honesto, de trabalho pensado, que é fundamental para a concepção de arte que abraçaram. E ninguém pode dizer que suas obras não são belas, que não possuem qualidades expressivas e técnicas de raro nível.

Como, em geral, todas as obras neoconcretas, esses trabalhos de Willys e Barsotti nos propõem



um comportamento novo diante da arte: não nos procuram comover com apelos à confusa realidade dos símbolos inconscientes, mas buscam, antes, uma redução das vivências a formas claras e tangíveis. Nesse sentido — isso está evidente nos objetos ativos de Willys — buscam ampliar o vocabulário geométrico apelando para novas relações entre o espectador e a obra, por imprimir aos elementos destas relações inesperadas.

É quase impossível definir qual o conteúdo expressivo desses trabalhos. Mas é certo que rejeitam o conteúdo tradicional e que nos propõem ou o fim de uma arte individualista ou o nascimento de uma nova arte para um mundo novo.